

**Grupo de Escuta com professores:
dispositivos e resultados da intervenção grupal.**

Bárbara de Souza Conte¹
Bruna Ferreira Fernandes²
Carlos Augusto Piccinini³
Fernanda Dornelles Hoff⁴
Fabiana Alves Pereira⁵
Isabel Doval⁶
Nathalia Hammerschmitt⁷

Resumo: O presente trabalho discute os dispositivos de um grupo de escuta com professores de uma escola da rede pública de ensino. Os professores desta escola são qualificados profissionalmente, trabalham com crianças e adolescentes com diagnósticos que os colocam como necessitados de cuidados especiais, e formam um grupo que trabalhou o tema da exclusão/inclusão na rede pública por muito tempo, mas sem discutir entre si as questões suscitadas em si mesmos sobre as vicissitudes do árduo trabalho. O resultado deste funcionamento observa-se pelos afastamentos de sala de aula, brigas entre professores e doenças que acabam por criar uma demanda de discussão/supervisão sobre os casos atendidos. A partir do projeto SIG Intervenções Psicanalíticas propusemos um grupo para falar de como os professores sentiam-se tocados por seu trabalho. Assim começou um grupo de escuta que, a partir de dispositivos do método psicanalítico - como enquadre, transferência e abstinência dos coordenadores, construiu um processo de desidealização e viabilizou a criação de novas vias para desenvolver identificações entre os membros do grupo. As etapas dessa trajetória são o objeto deste artigo.

Palavras-Chave: Psicanálise, Grupos

O projeto SIG Intervenções Psicanalíticas vem sendo realizado desde 2010 por integrantes da SIG - Sigmund Freud Associação Psicanalítica, de Porto Alegre. Por meio da escuta psicanalítica tem como objetivo oferecer uma possibilidade de

reflexão e de troca entre os grupos que buscam a SIG como recurso de mudança para as condições que se produzem nas instituições. Assim, o projeto realiza um trabalho de ampliação da escuta psicanalítica para outros espaços, além dos consultórios, sendo um agente de transformação social ao disponibilizar a escuta psicanalítica aos grupos.

A instituição 'escola' é zona privilegiada de apresentação dos sintomas sociais, expressos no comportamento de alunos, professores e pais. A escola em questão atende crianças e adolescentes cujos diagnósticos os colocam como necessitados de cuidados especiais, e onde o tema da inclusão/exclusão é exaustivamente examinado. Pauta-se por discussões que levam em conta que a inclusão não é anular a diferença, mas sim redimensioná-la. Significa "pensar a diferença dentro de um campo político, no qual experiências culturais e comunitárias e práticas sociais são colocadas como integrantes da produção dessas diferenças. A diferença não pode ser entendida como um estado indesejável ou impróprio. Ela inscreve-se na história e é produzida por ela" (2007, p.20-21).

O trabalho realizado na escola em questão se iniciou em 2012 a partir da busca de um grupo de professores por um espaço para discutir os casos dos alunos, no formato de uma supervisão. Verificamos, então, que esta proposta, reproduzia o conflito do grupo entre si e na prática de seu trabalho: o lugar da identidade e da diferença na fronteira da in/exclusão. Transferência que se estabelecia na busca de que houvesse um "parecer", um "saber" dos psicanalistas da SIG sobre o que estava ocorrendo, reproduzindo que o saber estava destinado a alguns "incluídos".

Tal demanda, ao ser escutada, possibilitou a constituição de um grupo de escuta, onde um dos temas tratou do conflito frente às solicitações da Secretaria de que havia um projeto pedagógico a cumprir e as expectativas das famílias dos alunos que solicitavam aos professores a intervenção nas situações familiares. "O filho é de quem?", indagavam os professores. Nesse contexto surgiu de que os "velhos", que eram reconhecidos em seu lugar de saber, iriam sair da escola, aposentarem-se. Como os "novos" iriam lidar? Saberiam como manejar as situações de exigências que denunciavam os conflitos? Estavam preparados como os "velhos" em seu lugar de saber?

Esta situação inicial traz à discussão o lugar da identificação como uma "forma de ligação que decorre da demanda de amor com seus objetos" (Freud,1990/1921,p.98), lugar de como lidar com um saber e de ser incluído em um novo e seletivo grupo. A identificação aspirava assim a configurar um modo de ser a semelhança de outro, tomado como modelo. Início de um processo transferencial entre os membros do grupo com os psicanalistas da SIG que caracterizava uma idealização e também um lugar de poder das lideranças que detinham o saber.

Frente à queixa de "não se conhecerem", os encontros de 2013 iniciaram com os membros do grupo contando da festa de Natal, sobre fotos que haviam tirado de parte do corpo que identificavam as pessoas, e a partir destas fotos tentavam adivinhar quem era. Foi um novo momento onde os integrantes passaram a falar mais de si e das situações do trabalho, em um movimento de se reconhecer e trabalhar o tema do ano de quem os representaria na mudança de direção, uma vez que ninguém queria assumir. Se não houvesse candidato da escola o diretor seria indicado de fora do grupo. Ao lado disso, havia muitas situações de violência na escola, predominando um clima tenso que eles assinalavam dizendo que "a palavra estava escapando". Trabalhamos esta fala como uma representação da situação do grupo onde a violência era o "não falar" dos membros do grupo; a falta de integração entre os professores e a ausência da diretora no grupo. Ausência da palavra de quem detinha o saber e o poder e o efeito disto, percebido na falta de identificação entre o grupo.

Trabalhamos operadores que historicizavam como o grupo estava configurado, tratando de dar reconhecimento às competências dos integrantes e buscando dar palavra para a transmissão entre eles.

Para a psicanálise pode-se pensar num sentido amplo de cidadão: todos aqueles que desejam o instrumento analista são aqueles que têm o direito e o acesso a palavra. Neste sentido cabe criar dispositivos para estabelecer a transferência em lugares além dos consultórios privados; tornar a intervenção psicanalítica um ato social. "A palavra pode criar um artifício simbólico que crie outro destino para a ação. Neste sentido a psicanálise é um método de interpretação da cultura" (2016,p.26) e nessa perspectiva pensamos que um grupo supõe os dispositivos de escuta que são característicos da psicanálise.

Laplanche (1989), agrupa os lugares da experiência psicanalítica em quatro pontos: a clínica, a psicanálise extramuros, a teoria e a história e define que há duas especificidades da experiência do tratamento que se produz num enquadre fundante: a regra fundamental e o objeto da psicanálise. Por regra fundamental propõe "fundar e encaminhar um processo em ressonância com um processo fundador do ser humano" (p.19). Por objeto da psicanálise refere-se ao objeto humano, como aquele que formula, que dá forma à sua própria experiência. Assim entendemos que o processo grupal e o de cada sujeito se refundam no enquadre do grupo, que, ao restituir a palavra também funda de novo o sujeito.

Ao auto-teorizar o homem efetiva a experiência como vivida, o que "significa dizer que toda verdadeira teorização é uma experiência que, necessariamente, engaja o homem em sua cultura, em seu meio" (ibid.p.24). A história do grupo é entendido como espaço de reflexão, mas também é o lugar e o objeto da experiência psicanalítica.

Voltando ao grupo, verificamos um momento decisivo, uma vez que refunda um novo enquadre no grupo, representado por todos se colocarem na "roda" (que até então não era uma roda na literalidade da configuração da sala) e todos assumirem seu lugar de fala. Ao romper a fragmentação do grupo o tema que passa a ser trazido é o da sexualidade dos alunos, como nos demonstra a manifestação de um professor de música que dizia não estar ajudando seu aluno, pois este se recusava a cantar, até um dia que este aluno o procurou para falar de "coisas de homem" e o fez pensar de que poderia intervir de outra forma que não só ser "o professor de música", bem como de não carregar a responsabilidade pelo todo, ou seja, de que havia alunos que não cantavam mas que falavam de outras "curiosidades". Passa a ser trabalhada a dualidade conservação e sexualidade na perspectiva não só da violência da intromissão do outro, mas de "desacomodar" o que se passa no dia a dia da escola, ou seja, de que nem toda a demanda tem que ser atendida, introduzindo a falta no lugar do sentimento de desvalor, que até então vigorava.

Percebemos que o saber escondia a impotência e que a cisão garantia o suposto lugar de poder. Virar caos é sair do lugar do saber. Não saber é caos. O não saber aparece como os destituindo de um lugar de valor e aí se identificavam

com os alunos, reproduzindo a violência da exclusão e o caos, na ausência da palavra. Estava sim ocorrendo um desmantelamento do investimento nas pessoas e no trabalho, o que levava os professores ao desamparo e adoecimento.

Os professores passam a dizer que a escola não é só o lugar onde os pais vem ouvir coisas ruins de seus filhos, mas também é um lugar para confraternizar, em alusão as festividades da escola com as famílias dos alunos. Acrescentam que para eles é importante olhar para seus alunos, apesar das famílias doentes que eles têm.

O tema do grupo passa a ser a transmissão dos velhos para os novos quando em 2016 entram 8 professores novos, "mas deixando um lugar aberto para a descoberta". Falam de um professor antigo que disse para o novo que "o aluno X quando vai para o recreio tem que levar uma chave", enquanto o professor novo pensava em como iria lidar com a situação, fazendo com que o aluno pudesse desprender-se desse movimento. O saber dos "velhos" precisa ser transmitido, mas necessário se faz deixar lugar para a criação dos "novos". Fomos trabalhando exatamente o lugar de passagem e o de invenção, buscando integrar os velhos e os novos como um grupo. Uma nova chave.

Utilizamos a fala de um novo professor que trazia sua preocupação, quanto a sua pouca experiência e saber, com relação às dificuldades das crianças do grupo. Pensou em ler, buscar bibliografia, mas resolveu ouvir o que queriam seus alunos, sendo que alguns mal conseguem falar: "quais músicas os tocavam... eu buscava mais que respostas, ia atrás das perguntas". Teve um choque de realidade quando entrou na escola (referindo-se à sua experiência anterior como professor): " pensou em mudar ... viu a necessidade de movimento, corporeidade, atividades conjuntas... colocar todos juntos a cantar ... cada um como podia... foi uma emoção".

Passados 5 anos desde o início do trabalho do Sig Intervenções Psicanalíticas com este grupo, e no contexto da chegada dos novos professores, um dia perguntaram "então, quando faríamos uma "devolutiva" para eles". Propomos pensar como eles estavam se vendo ao longo do processo e que seria uma ótima oportunidade para que os "novos" soubessem da história do grupo. A partir do que falavam fomos articulando com o que havíamos pensado

conjuntamente com os outros grupos (de monitores, mães e direção). Assim surgiu de um novo integrante o questionamento “de por quê mesmo os encontros se davam em grupos separados?”. Tal questão convergiu para a nossa proposta de um encontro conjunto de todos os que trabalhavam na escola.

A proposta foi aceita, e o último encontro do ano de 2016 foi com sala cheia, onde um novo professor pergunta "o que é a SIG?". Depois de falarmos brevemente da SIG e do grupo, ele disse: “Então eu vou propor falar sobre a morte de MF. (aluno que saiu da escola para o hospital e morreu 2 dias depois. Todos estavam muito mobilizados, mas ninguém falava) "Estou aqui há 3 meses e já perdi um aluno (o que havia escolhido a música para todos cantarem) É muito difícil. Como se faz com isso? Ele cantava pombinha branca ... e aí desapareceu. Como superar isso. E o outro que foi assassinado?"

Esta questão teve como efeito um “vendaval” no grupo, que foi desde uma tentativa de dissociação (retratado em uma fala de que a tristeza "se separava entre o que é da escola e o que se leva para a casa"), passando por um conselho de "só chorando", até uma fala que propunha a pensar que "não se pendura a tristeza como uma mochila, assim como não se coloca o guarda-chuva atrás da porta". Ou seja, aí estava posto o sentido de que não há como dissociar aquilo que é de casa ou do trabalho, para então ser revelado que houve um encontro para fazer uma homenagem a MF. Um encontro no qual muitos não puderam estar presentes, mas cuja lembrança de ter ocorrido abriu caminho para novas e refundadas falas: desde o enlouquecer dos outros alunos perguntando por ele, da indignação dos professores pela negligência do sistema da rede de saúde, até eles terem que se encarregar do luto, e não ter a quem recorrer frente ao descaso e desamparo. Para, por fim, darem-se conta que o grupo era o lugar de uma tentativa de elaboração: ouvirem-se entre si! Quase todos falaram neste dia, e assim foi construída a "devolutiva do grupo".

Para o trabalho do próximo ano os grupos serão intercalados. Continuará havendo um espaço para aquilo que é da especificidade do que é da diretoria, da monitoria e dos professores, e também contemplará um novo espaço - a partir do que foi inaugurado neste grupo, para tratar daquilo que é todos que nesta escola trabalham.

Este é o sentido que sustentamos da experiência analítica como intervenção da psicanálise. Intervir é intrometer-se, estar presente na vida. Diferencia-se "sutilmente" de uma interferência, que é ter efeito e determinação causal. O movimento de contato com o movimento do objeto de estudo não possui a pretensão de estabelecer se é o sujeito que faz o grupo ou ele está constituído pelo grupo, mas abre espaço para reflexão sobre de qual é o lugar do qual fala cada sujeito dentro de um grupo. (Laplanche, 1989)

Para concluir, também nosso testemunho. *Não há mapa, só há bússola*, parafraseando Gustavo Leal¹, que expressa como encontramos rumos para o nosso projeto SIG Intervenções Psicanalíticas. A bússola foram a transferência, a escuta, a regra fundamental e a abstinência. Todos dispositivos do método psicanalítico que nos balizaram em direção aos mapas de reconhecimento de territórios.

Reconhecimento possui o significado de aceitação, de legitimidade. A possibilidade de reconhecer o seu lugar. Não se confundir com o outro e saber que os limites do seu território abrem a possibilidade da construção de identidade.

Se, por um lado, os sujeitos tornam o outro invisível, ou sentem-se invisíveis, estão excluídos, não se sentem acompanhados e ficam presos ao seu narcisismo. Por outro lado, se ao invés de estarem submetidos ao lugar que o outro lhe confere, - como no caso desse grupo que estamos acompanhando onde os "velhos" ficam culpados e encarregados por um saber que tem que dar conta de tudo -, abrem-se para o reconhecimento, cria-se o território **entre** o eu e o outro. Leal (2015), abriu como norte a bússola do trabalho, quando refere-se ao "entre" que constrói um discurso de novos ideais. Não bastam palavras sem representação e nem um silêncio que negue a violência. É preciso construir um discurso de reconhecimento de território e ideais para que os sujeitos possuam movimento e saiam da apatia. A identificação que se refunda no grupo é uma transformação produzida igualmente no sujeito e que o coloca em um lugar de criação.

Acreditamos que tenha sido esta a experiência do grupo para estes professores, assim como para nós foi transformadora a experiência clínica neste

¹ Sociólogo uruguaio. Comunicação. Não há mapa. Só há bússola, no III Colóquio de Emergência Social, realizado pela Associação Psicanalítica do Uruguai nos dias 04 e 05 de maio de 2015 em Montevideo.

grupo. Reafirmamos o objetivo do trabalho de intervenção psicanalítica enquanto escuta dos sujeitos a partir de seu lugar de inserção em diferentes grupos, fazendo-os perceber os limites e a importância de seu papel de troca.

Bibliografia

Conte,B e Henzel,S. Organizadoras. *Exclusão e inscrição psíquica: da escuta psicanalítica no social*. Porto Alegre: Evangraf. 2012.

Conte,B; Braga, E.C.; Perrone,C. *Intervenções Psicanalíticas. A trama social*. Porto Alegre: Criação Humana. 2016.

Laplanche, J. *Nuevos fundamentos para el psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.

Lopez. M.C e Dal'Igna, M.C Organizadoras. *In/Exclusão nas tramas da escola*. Canoas: Ed. ULBRA. 2007.

Freud, S. *Obras Completas*. Psicologia de las masas y análisis del yo. Vol.XVIII. Buenos Aires: Amorrortu. 1990. Publicado originalmente em 1921.

Autores

¹Bárbara de Souza Conte. Psicanalista. Doutora em Psicologia pela Universidade Autônoma de Madri. Membro pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica RS. Coordenadora do Projeto SIG/Intervenções Psicanalíticas e participante do Projeto Clínicas do Testemunho /Comissão de Anistia. barbara.conte@globo.com

²Bruna Ferreira Fernandes. Psicóloga. Psicanalista em formação. Membro associado da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Porto Alegre. bferreirafernandes@gmail.com

³Carlos Augusto Piccinini. Psicólogo. Membro provisório da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. piccguto@gmail.com

⁴Fernanda Dornelles Hoff. Psicóloga. Psicanalista. Membro pleno da Freud Associação Psicanalítica. Coordenadora do Estágio de Psicologia Clínica na Sigmund Freud Associação Psicanalítica. fernandadh@gmail.com

⁵Fabiana Alves Pereira. Psicóloga. Psicanalista em formação. Membro associado da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. psifabianaap@gmail.com

⁶Isabel Doval. Psicóloga. Psicanalista. Membro efetivo da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. isadoval@terra.com.br

⁷Nathalia Hammerschmitt. Psicóloga. Psicanalista em formação. Membro associado da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. nathalia.hammerschmitt@hotmail.com